

KARLA ADRIANA M. BESSA

## POSIÇÕES DE SUJEITO, ATUAÇÕES DE GÊNERO...

"O perene é um Desejo, e o eterno Ilusão."

"Tudo quanto vive, vive porque muda,  
muda porque passa; e porque passa,  
morre."

(Fernando Pessoa)

Recentemente, um canal aberto de televisão exibiu semanalmente um desenho animado, *X-men*, que apresentava seres humanos mutantes. Seus aspectos eram assustadores, suas estranhas metamorfoses geravam um ar de mistério misturado a uma imagem de monstruosidade. A alteridade entrava em cena sujeita à suspeição tanto do espectador quanto dos humanos normais ali representados. O enredo do desenho apresentava um clima de tensão e colocava as personagens em uma autovigilância constante, porque os mutantes (o Outro) eram vistos como uma ameaçadora intromissão no 'harmônico' mundo terráqueo. Cada história trazia um tipo de conflito, mas nem tudo era luta entre os Mesmos e os De Fora; alguns humanos conviviam 'respeitosamente' com estes (poderosos) mutantes. O desenho era intrigante e continha o paradoxo de ser uma ficção futurista e, ao mesmo tempo, transmitir um certo ar de *déjà vu*, ou seja, poderia perfeitamente ser compreendido como uma alegoria 'bem-humorada' dos seres humanos que nós cotidianamente consideramos extra-humanos, para não dizer anômalos, aberrações etc...

O desenvolvimento tecnológico, seja ele midiático, bélico, medicinal (apresentado através de novas técnicas reprodutivas, o uso do silicone, as cirurgias plásticas, os estudos genéticos, a convivência de corpos orgânicos e inorgânicos etc.), tem não só apresentado novas formas, novos objetos e novos sujeitos, como também embaralhado certas concepções espaço-temporais, filosóficas ou não, ou seja, tem rebuscado nossas 'ferramentas' de compreensão e de inteligibili-

dade dos corpos e do movimento, da 'natureza' e da 'cultura'. Nossas concepções acerca do que nos rodeia tem sofrido de um constante mal-estar, sugestionamentos dos mais variados níveis e tipos (políticos, estéticos, religiosos...). Todo este turbilhão enfrenta ainda a ira dos socioculturalmente excluídos, lutando pelo "seu lugar ao sol".

No que tange ao feminismo, sobretudo no que se refere à noção de gênero, nos anos 90 emergiram idéias e concepções políticas de enorme fertilidade e, por que não, virilidade; ou seja, proliferam em abundância e com um misto de agressividade e erotismo. O vai-e-vem das críticas, a tentativa de entender tanta 'sofisticação' da existência aguçaram ainda mais o debate. No interior deste tom polêmico conferido aos estudos de gênero, Judith Butler vem conquistando cada vez mais a simpatia e o respeito profissional de vários pensadores, no exterior como no Brasil. A aridez do seu trabalho filosófico talvez espante alguns leitores no início, mas a argumentação (positivamente) ferina vai nos conduzindo a um espaço abstrato do pensamento, tão incômodo quanto rejuvenescedor. Butler insiste em convulsionar tradições epistemológicas e políticas, redefinindo noções como agência, sexualidade, desejo, sexo e gênero.

*Gender Trouble*<sup>1</sup>, desde o título, é uma obra que invade um território novo para o feminismo. A discussão de gênero não se restringe à análise de como se opera a desigualdade nas relações entre homens e mulheres e muito pouco se refere à mulher enquanto sujeito/objeto de(o) pensamento. Pelo contrário, logo no início do livro a autora apresenta os riscos da utilização da categoria mulher como um termo político e de representação. Se, por um lado, esse tipo de utilização pretende conferir legitimidade e extensão à luta contra a opressão feminina, por outro, apresenta-se com uma função normatizadora, que se coloca no lugar de revelar ou de deturpar o que se assume (ou fora assumido) como sendo a verdade sobre 'as mulheres'. Neste sentido, a mulher enquanto um sujeito com características pré-demarcadas (mesmo que historicamente) representa uma armadilha ao próprio pensamento (e movimento) feminista. Todo o artil de este investimento na identidade genérica mulher está em que, ao buscar-se a libertação dos mecanismos de exclusão, lutando por igualdade e visibilidade política, acaba-se reforçando os paradigmas e fundamentalismos da própria opressão. Dentre estes paradigmas, um dos principais é a maneira como se elabora (no plano discursivo) a formação da identidade.

O fenômeno de composições como *drag-queens*, famílias *queers*, transexualismo e a organização dos movimentos *gays* e lésbicos provocam, no cenário deste fim de século, um constante desassossego na

<sup>1</sup> BUTLER, J.. *Gender Trouble. Feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque: Routledge, 1990.

<sup>2</sup> A afirmação foucaultiana de que o sexo é um "ideal" pertencente ao "dispositivo da sexualidade" disseminou uma interpretação de que Foucault estaria eliminando de sua análise da sexualidade os aspectos anátomo-fisiológicos do corpo, negligenciando assim certos limites primários, sem os quais não se pode pensar as condições reais da sexualidade humana ("falar da sexualidade humana como se o sexo não existisse"). No entanto, o texto de Foucault é bem claro quanto ao que ele entende por "ideal", e Butler o ratifica. Nos termos de Foucault: "O sexo é ao contrário (de uma instância autônoma), o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres". O sexo assume ainda uma outra "função": "É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (...), à totalidade de seu corpo (...), à sua identidade (...)." Cf. FOUCAULT, M., *História da Sexualidade*, v. I. A vontade de saber. Trad. de ALBUQUERQUE, M. Tereza da Costa e ALBUQUERQUE, J. Guilhon. Rio de Janeiro: Graal, 1984, 5ª ed., p. 145-146.

percepção das diferenças sexuais (o incômodo com os 'mutantes'). Se antes parecia ser fácil e predominante a distinção entre homens e mulheres (clareza nos códigos de comportamento e atuação corporal), aparentemente (dado que a simplicidade da divisão H/M é também uma das nossas ficções) as coisas se complicaram. Essas formações de gênero que escapam do padrão de normalidade sexual são consideradas por Butler como desestabilizadoras - dada a prática da paródia, que desloca o original enquanto referência e transforma tudo em cópia de cópias -, problemáticas e, enquanto tal, potencialmente subversivas. Talvez, por tudo isso, Butler jogue com a interpretação da expressão *gender trouble*, na medida em que se refere tanto aos múltiplos problemas vinculados às questões de gênero como também à atenção dada ao gênero considerado "problemático" (ininteligíveis pelos atuais códigos culturais).

Essas problemáticas diferenças convivem quotidianamente com a indiferença, a discriminação, a ridicularização, a zombaria política e social de uma sociedade marcada pela oposição binária das relações de gênero. Como a visibilidade destas marcas de gênero estão sobretudo evidenciadas nos contornos corporais, um dos temas abordados por Butler é a questão da dificuldade de pensarmos, política e conceitualmente, a constituição de gênero fora das estruturas sexuais hegemônicas. No seu mais recente livro, no qual a autora retoma boa parte das questões já delineadas em *Gender Trouble*, Butler menciona a questão do corpo e da matéria, sugerindo também uma ambigüidade ao título *Bodies that Matter*. Um primeiro sentido, mais literal, corpos que importam para a sociedade, que não são tratados como abjetos sociais, que são vistos como normais e exemplares. Um segundo, referindo-se à questão da materialidade do corpo, retomando assim o debate acerca da noção de desconstrução do sexo<sup>2</sup>, uma forma de responder à crítica de que o **construcionismo** reduz tudo ao nível do discurso, desconsiderando as "reais" situações de confronto e opressão. O desafio de Butler está em tentar delinear uma nova compreensão sobre o que venha a ser a **materialidade** do corpo e a própria noção de matéria.

Acompanhar o pensamento da autora ao longo da filosofia grega platônica e aristotélica, passando por Kant, Hegel, Freud e Lacan é mesmo uma aventura, pois mesmo que já se tenha lido textos destes autores, o recorte temático, as discussões suscitadas por Butler são realmente bastante singulares e não percorrem aquela tradicional história das idéias, ou seja, não seguem um trajeto linear porque não têm a pretensão de retratar a história do pensamento filosófico sobre a matéria e o

corpo. O trabalho filosófico - e, pode-se dizer, lingüístico - é o de realizar uma genealogia (bem ao modo de Foucault) da concepção de individualidade e de materialidade que redundou na hegemônica concepção de heterossexualidade compulsória e de gênero como substância. Em outras palavras, Butler não se limita à descrição de quais corpos são normais e quais são objetos sociais para, a partir de tal localização, traçar estratégias de reconhecimento da alteridade e legitimidade dessas dissonâncias. O projeto da autora inclui entender como se constrói esta forma naturalizada de inteligibilidade dos próprios corpos, mostrando que as identidades se dão a partir de exclusões, e que a normatização da sexualidade e da constituição de gênero está intrinsecamente ligada aos contornos dos corpos e à regulamentação do prazer (está em um mesmo regime de produção discursiva e de distribuição de poder<sup>3</sup> - por isso, Butler considera um engano separar sexo de gênero, pois ambos atuam simultaneamente na constituição da subjetividade).

A Psicanálise<sup>4</sup> se constitui justamente tendo como foco a tentativa de demarcação da origem e desenvolvimento da identidade, organizando assim todo um saber sobre a psique humana, 'revelando' o território, até então bastante nebuloso, do inconsciente e a sua relação com as ações cotidianas dos indivíduos "normais", e uma descrição das principais patologias psicológicas, o interior e o exterior do ser humano. Em outras palavras, a Psicanálise surge e se sustenta no jogo de perguntas e respostas a fim de dizer a verdade sobre quem somos. Talvez se deva a tal pretensão e à aproximação do pensamento feminista com esse tipo de conhecimento o fato de J. Butler deter-se, na maioria dos seus textos, a rebater e a deslocar as premissas psicanalíticas, tendo sempre ao seu lado as críticas formuladas por Foucault ao sujeito que funda a cultura através da repressão aos seus instintos sexuais (tabu do incesto) e ao impulso da morte ("culpabilidade", "remorso").

O ponto de partida de Butler é algo que costumamos ter como óbvio, ou seja, ela indaga sobre o que nos leva a admitir que o indivíduo seja uma totalidade coerente. De onde se origina tal coerência? A delimitação da coerência traz consigo o Outro, a organização hierarquizada daquilo que não é coerente com a lógica então estabelecida como norma, aquilo/quem é desviante. A fonte desta unidade, anterior à intervenção cultural, é atribuída, em geral, ao corpo, à materialidade do sexo. Daí a constante referência ao termo sexo para designar os traços naturais do indivíduo, e gênero para a construção cultural da identidade sexual, o sexo de dentro (*inner*) e o gênero de fora (*outer*). Essa distinção

<sup>3</sup> Penso ser importante ressaltar que a participação conjunta em um mesmo regime de poder-saber não torna a relação entre sexo, gênero e prazer espelhar, ou seja, não há uma continuidade necessária entre estes três elementos. Segundo Butler, apenas um processo de racionalização poderia estabelecer essa coerência interna (unidade metafísica) entre sexo, gênero e desejo. Cf. BUTLER, J., op. cit., p. 21-23.

<sup>4</sup> Por ser a Psicanálise uma ciência bastante complexa, cuja produção teórica possui vários desdobramentos, este texto pretende limitar-se às considerações pontuais de Butler sobre Freud e Lacan e ao domínio da apropriação feminista (neste caso: L. Irigaray, J. Kristeva, M. Wittig) destes autores (um território bastante escorregadio).

binária, segundo Butler, estabiliza e consolida o sujeito coerente do discurso psicanalítico.

A crítica à Psicanálise não pára aí. Analisando a noção de narcisismo de Freud e a de falo de Lacan, a autora promove aproximações entre ambos (principalmente onde Lacan pretendia se distanciar de Freud) e torna sua apreciação ainda mais incisiva. Não pretendo reproduzir todo o teor argumentativo de Butler em relação a estes autores, mas penso ser pertinente para entendermos a reflexão da autora entrar um pouco, mesmo que desajeitadamente, neste universo turbulento do pensamento psicanalítico. Freud, analisando o ato narcísico através do estudo da dor física, procura estabelecer relações entre as doenças orgânicas e a libido, gerando assim uma relação intrínseca entre o plano físico e o imaginário (a dor seria entendida como uma precondição para a autodescoberta corporal). Essa correlação é importante para Freud pensar como o indivíduo concebe o próprio corpo e suas partes e, principalmente, quais as partes erógenas do corpo.

O exemplo trabalhado sobre essas *performances* do corpo (a substituição imaginária de uma parte qualquer do corpo que funcionaria como o genital masculino) sugere a Butler que Freud enfatiza o pênis como o grande representante epistemológico desta manifestação imaginária do prazer, confinando uma explicação sobre a relação corpo/mente a um domínio predominantemente masculino. O pênis (e as respectivas imagens dele derivadas) vai se constituindo em um lugar originário de onde se desencadeia uma série de outros exemplos no interior do pensamento freudiano (castração, inveja do pênis etc.). Essa suposição de Butler fica ainda mais forte quando conectada à discussão sobre o caráter simbólico atribuído ao falo, elaborada por Lacan. O falo seria eleito por Lacan como espaço próprio para a geração de múltiplos significados ligados à sexualidade humana. Apesar de o autor tentar dar ao falo uma dimensão deslocada de qualquer parte específica do corpo, sendo assim uma idealização transferível, através da qual ocorre a substituição do físico pelo psíquico, há sempre uma referência anatômica vinculando o falo ao pênis.

Tanto para Lacan quanto para Freud o corpo é dado primeiramente em partes (inclusive, no caso de Freud, em etapas psíquicas preestabelecidas) e só depois organizado "imaginariamente" em uma totalidade. Em relação a isso, Butler questiona por que e como o corpo pode ser pensado em partes e depois em totalidade, se pensá-lo em partes só é possível a partir de uma figuração na qual o corpo só faz sentido através de sua própria totalidade. Em Lacan, o corpo

<sup>5</sup> Deleuze considera que uma das principais marcas que nos permitem identificar o estruturalismo é justamente a crítica que ele estabelece à tradicional repartição entre o real e o imaginário (ideal). O plano simbólico não é nem uma representação nem uma realidade empírica dada. O simbólico é irreal e não imaginável e funciona numa tríade com o real e o imaginário. O real é uno (unificação ou totalização, "é uno em sua verdade"), o imaginário é duplo (desdobramento, identificação e projeção invertida). O simbólico seria triplo, mas, segundo Deleuze, ele não sabe bem ao certo no que consistiria o seu triplo. Apenas sabe que a constituição da estrutura, como sendo um nível mais profundo do que o real e o imaginário, faz-se a partir da existência do simbólico. O simbólico e, por sua vez, a estrutura, possuem um sentido de posição. "Não se trata de um local numa extensão real, nem de lugares num espaço propriamente estrutural, isto é, topológico. Aquilo que é estrutural é o espaço, mas um espaço inextenso, preextensivo, puro *spatium* constituído cada vez mais como ordem de vizinhança, onde a noção de vizinhança tem, precisamente, antes um sentido ordinal e não uma significação na extensão." É interessante notar que neste ensaio Deleuze escreve sobre o estruturalismo tendo como referência, basicamente, Foucault, Lacan, Lévi-Strauss e Althusser. Anos mais tarde ele irá dar outro tratamento à obra de Foucault, não mais um estruturalista, mas um arquivista dos enunciados e um cartógrafo das forças, das lutas, do poder (referindo-se sobretudo ao livro *Vigiar e Punir*). DELEUZE, G.. Em *Que se Pode*

"antes do espelho" é um corpo em pedaços, descontrolado, sem falo (simbólico) e, portanto, simbolicamente castrado. O falo seria então o significante que permitiria superar esta condição. (O falo simboliza o pênis, mas não é o pênis, não há uma relação ontológica entre o símbolo e aquilo que é simbolizado.)

A homossexualidade, deste ponto de vista, seria então uma espécie de marca corpórea cujo ato de expressão (máscara) denotaria uma fetichização, uma fantasia compensatória, de uma função imaginária que se desviou da delineação convencional heterossexual. O corpo continua sendo a base fixa (estável) que sofre as variações de uma "alma" doente, suas fantasias e desejos. Para Lacan, a morfologia do corpo, ou, ainda, a sua integridade, é uma formação imaginária estabelecida através do sistema de projeção do "espelho" (o narcisismo freudiano). "Os verdadeiros contornos do corpo são lugares que vacilam entre o psíquico e o material." Quais os problemas desta trajetória lacanianiana, visto que esse tratamento dado à constituição corpórea, descolado de um vínculo imediato entre o material e o simbólico, permite pensar de maneira mais flexível a configuração de gênero?

De acordo com Butler, este esquema morfológico torna-se uma condição teórica (condição de inteligibilidade) para o mundo dos objetos e dos seres vivos ser marcado como masculino, ou seja, torna-se a base para um antropocêntrico e androcêntrico imperialismo epistemológico. É problemática também a forma como o falo assume no discurso lacanianiano o centro de onde o verdadeiro *status* simbólico emerge. A própria condição do simbólico<sup>5</sup> antecede (em termos estruturais e não ontológicos) a anatomia e o imaginário. O que, segundo Lacan, daria integridade ao corpo seria a lei de parentesco que funciona através do nome (atividade puramente simbólica). ("To be named is thus to be inculcated into that law and to be formed, bodily, in accordance with that law", p. 72.)

Um contraponto a esta formulação lacanianiana tem sido a elaboração de um "falo lésbico". A princípio o termo soa redundante, na medida em que ser lésbica seria justamente a inversão do ser mulher, ou seja, uma forma de apropriação do universo masculino (e seus 'atributos': autoconfiança, poder, agressividade, competitividade, iniciativa etc.). No entanto, o termo tem pretensões bem mais complexas. A primeira delas seria quebrar a imagem genital vinculada ao símbolo fálico, o que abriria precedentes para desorganizar a percepção da sexualidade centrada no (e a partir do) masculino. O falo visa dar visibilidade ao corpo lésbico e, ao mesmo tempo, explicitar o falo como simulacro. A

Reconhecer o Estruturalismo? In: *História da Filosofia. Ideias, doutrinas, o século XX*, 2ª ed. Trad. de JAPIASSÚ, Hilton F., Rio de Janeiro: Zahar, 1982. Obs.: o texto original é de 1967.

<sup>6</sup> Embora Butler aponte o caráter ilusório do falo lésbico, ela não nega de todo a sua contribuição para o deslocamento da estrutura binária (hetero) e do vínculo estabelecido entre falo e pênis. "the lesbian phallus is a fiction, but perhaps a theoretically useful one, for there are questions of imitation, subversion, and the recirculation of phantasmatic privilege that a psychoanalytically informed reading might attend" (p. 85).

<sup>7</sup> Outra feminista americana, Cathy Griggers, publicou um texto questionando também o alcance subversivo do corpo lésbico (principalmente quando se tenta estabilizá-lo como marca de uma identidade). A autora afirma: "The lesbian is as phantasmatic a construct as the woman. There are women, and there are lesbian bodies - each body crossed by multiplicitous signifying regimes and by different histories, different technologies of representation and reproduction, and different social experiences of being lesbian determined by ethnicity, class, gender identity and sexual practices". GRIGGERS, C., *Lesbian Bodies in the Age of (post) Mechanical Reproduction. Postmodern Culture*, v. 2, n.º. 3, maio, 1992.

<sup>8</sup> Butler não entende a desconstrução da identidade como o fim da luta política, afastando qualquer possibilidade de uma leitura nihilista de sua perspectiva filosófica. "The deconstruction of identity is not the

pergunta que ronda estas suposições é: qual a importância política para o feminismo de uma tal elaboração simbólica? Embora possa parecer a princípio que o objetivo de Butler seja trazer à tona a materialidade do falo lésbico, tentando garantir assim legitimidade a essa forma de prazer e de formação de gênero, penso que a autora suscita essa discussão com um duplo propósito. Primeiro, reafirmar a possibilidade de que uma tal reivindicação possa deslocar as premissas masculinistas da compreensão do falo (e ainda embaralhar aquela imagem senso comum de que a lésbica seria aquela que ama alguém **igual** a ela mesma). O outro, a meu ver o principal, seria o de questionar se uma tal concepção específica (a identidade lésbica) não seria mais uma das ilusões de gênero<sup>6</sup>, ou seja, uma tentativa de fixar uma identidade que por constituição não é nem fixa e nem passível de ser a "verdadeira" inclinação do eu de determinadas pessoas.

Em outras palavras, a crítica de Butler a Wittig (uma das principais articuladoras desta noção) é que esta proposição (o falo lésbico) inverte a estrutura fálica lacaniana, mas continua enquadrando o processo de constituição de subjetividades no interior de uma prática identitária, excludora da diferença, no sentido de sua mutabilidade. Há uma saída fácil para lidar 'civilizadamente' com a diferença: basta localizá-la, delimitar territórios fixos, elaborando leis (autoritárias) de convivência. Não é essa a alternativa implícita no falo lésbico, mas é esse o risco para o qual Butler está atenta<sup>7</sup>. Como driblar este círculo vicioso?

Sem dúvida, o retorno ao corpo maternal, a uma bissexualidade primária, ou à essencialização da identidade lésbica e *gay* ainda manteria o binarismo, que se deslocaria do eixo homem X mulher para homo X hetero (lésbicas X *straight women*). Deixar que o feminismo permaneça preso estrategicamente a um sujeito - mesmo sabendo da constante reterritorialização da identidade da "mulher", marcada por diferenças também de raça, classe, religião... - que lhe dá uma certa universalidade para lutar contra os abusos, as agressões físicas e psíquicas, as desigualdades legais, não contribui, de acordo com Butler, para a "emancipação" das diferenças. Estaria Butler decretando assim o fim do feminismo, já que não existe mais a especificidade<sup>8</sup> que o caracteriza (ou seria melhor dizer, que o caracterizou principalmente a partir de meados deste século)?

Para entender o posicionamento de Butler a respeito do "que resta ao feminismo", antes é preciso retomar a compreensão performativa de gênero. Se a formação da subjetividade *engendered* não está baseada nem em uma ontologia corpórea, nem em

deconstruction of politics; rather, it establishes as political the very terms through which identity is articulated. This kind of critique brings into question the foundationalist frame in which feminism as an identity politics has been articulated.”

uma estrutura simbólica fechada em termos heterossexuais, quais são os termos nos quais ela se constitui? Seguindo o raciocínio de Foucault, de que a subjetivação não é o mesmo que sujeição a um código normativo-legal, mas a constituição/manutenção do código cultural, ela se dá juntamente com a constituição do sujeito; Butler pensa a atuação de gênero como uma ação de repetição, imitação, uma *performance* cuja teatralidade é inconsciente (nem por isso isenta das relações de força e poder), uma paródia. O jeito exagerado de ser de uma *drag-queen* desnuda o caráter paródico ao qual Butler se refere, mas o alcance desta paródia extrapola o domínio da inteligibilidade cultural das marcas de gênero ‘artificiais’ (como por exemplo o travesti, o transexual etc.). Ela se refere principalmente àquelas consideradas verdadeiras, originais, primárias. A constituição do ser homem e mulher também ocorre neste mesmo regime performativo, fantasmático.

O fato de se utilizar da imagem da *performance* para mencionar a atuação de gênero poderia sugerir um certo funcionalismo na análise de Butler, ou seja, indivíduos desempenhando ‘papéis’ previamente estabelecidos. No entanto, a teatralidade não está na representação, mas na ficção (desnaturalização) de toda e qualquer identidade desempenhada. A *performance*, a paródia, é também para Butler a própria condição de subversão, na medida em que, ao mimetizar as injunções normativas (e a própria sobrevivência dessas injunções está condicionada por esta prática de repetição), é possível deslocar, recontextualizar e prefigurar novos contornos de gênero. Neste sentido, a autora apresenta uma forma de se pensar a agência (*agency*)<sup>9</sup> sem a referência a um agente anterior (um sujeito nos moldes do cartesianismo ou do iluminismo) e sem contrapor, como relação entre excludentes, a construção (como um ato externo) de gênero à agência daqueles que participam dessa construção (ação interna).

Nesta abordagem, a coerência<sup>10</sup> de gênero é efeito de um jogo de forças, de práticas (discursivas e não discursivas) que regulam tanto a formação de gênero como as normas de inteligibilidade através das quais elas assumem visibilidade e significado. Pensando assim, a paródia, embora nem sempre subversiva, torna-se um lugar - no sentido simbólico-político - para a intervenção e elaboração de convenções culturais sem ser em termos fálicos ou compulsoriamente heterossexuais. Destacar o termo compulsório é importante porque Butler não está reivindicando um deslocamento da estrutura falocêntrica e hetero em função de uma estrutura feminilizada e/ou homo. Não há inversão, ou seja, uma fobia em relação à heterossexualidade. Há

<sup>9</sup> “In a sense, the epistemological model that offers us a pregiven subject or agent is one that refuses to acknowledge that **agency is always and only a political prerogative**” (p. 13).

<sup>10</sup> Apesar de reconhecer que Lacan tenta incorporar em sua análise uma perspectiva caótica e fragmentada do sujeito, para Butler ele acaba reiterando a noção de coerência ao se reportar à continuidade do processo de gestão da personalidade desde a infância.

<sup>11</sup> Nas palavras de Butler: "The parodic repetition of 'the original' reveals the original to be nothing other than a parody of the idea of the natural and the original" (p. 31).

<sup>12</sup> Interessante notar que na conferência sobre Subjetividades Contemporâneas, promovida pelo Instituto Sedes Sapientiae, a crítica de Marilena Chauí ao *paper* de Peter Pál Pelbart, além de entrar na discussão filosófica sobre subjetividade, indagava sobre a adequação política do pensamento de Pelbart (sobre a subjetividade desterritorializada, a falta de vínculos etc.) ao desvario capitalista pós-moderno. Na verdade, Chauí desloca o eixo da discussão da subjetividade para a sociabilidade, pois "(...) é nelas que uma subjetividade é modelada e plasmada". Mas o conteúdo político da crítica vai além. Nas palavras de Chauí: "Porque eu acho que estas idéias que Peter colocou, e que são importantíssimas (talvez sejam possibilidades, efetivamente, para pensarmos em uma outra e nova subjetividade ou numa pluralidade de subjetividades), sob certos aspectos, são menos novas do que poderiam parecer à primeira vista e, também sob certos aspectos, podem ter conseqüências conservadoras imprevisíveis". Os comentários de Chauí são instigantes, mas infelizmente o periódico não trouxe a réplica de Pelbart, que, creio eu, certamente esclareceria a distância que separa a sua concepção de subjetividade e aquela que Chauí, com toda razão, está criticando. Cf. *Subjetividades Contemporâneas*. Ano 1, n.º. 1, São Paulo, 1997.

<sup>13</sup> BUTLER, J.. *Contingent Foundations: feminism and the question of*

sim uma crítica radical à metafísica substancial da coerência de gênero instituída através da matriz heterossexual. Afirmar que a heterossexualidade é tão performática quanto as outras possibilidades de configuração de gênero é uma forma radical de desnaturalizar<sup>11</sup> o complexo sexo/gênero - detonar a idéia de que por detrás da configuração de gênero existe uma identidade verdadeira.

A linguagem entra nessa compreensão de gênero como um espaço necessário que tem tanto a função estabilizadora (fixando posições de gênero) quanto desestabilizadora. Um domínio de significabilidade e inteligibilidade, uma fronteira móvel onde as lutas e diferenciações sexuais emergem e traçam seus contornos. E a materialidade do gênero e do corpo, também é pura linguagem? Essa questão já foi posta a Butler através de críticas que a acusam de estar em sintonia com a epistemologia pós-moderna<sup>12</sup>, que faz apologia do fragmento, dissolve o sujeito em função de uma teoria construcionista determinista e onde tudo é efeito de poder, e a integridade da identidade é um produto da fantasia, entendida aqui como oposta à realidade e não como constitutiva e constituinte dela.

Em um de seus artigos<sup>13</sup>, Butler revela um certo desdém para com o uso da categoria pós-modernidade, dizendo não saber exatamente do que se trata, criticando os exageros atribuídos ao pós-modernismo como um novo paradigma, uma nova "estrutura de pensamento"<sup>14</sup>. Segundo Butler, apesar de Lyotard ter "batizado" o termo, não se pode atribuir a ele os desdobramentos do seu uso e nem afirmar que seu trabalho ou o de Derrida afirmam a noção de pós-modernidade como paradigmática. A utilização indiscriminada do termo significa para ela uma forma de "domesticar" e de "colonizar" essas teorias sob o signo do "mesmo". Por outro lado, a autora vê com bons olhos a aproximação do feminismo com o pós-estruturalismo (talvez sem a euforia e a certeza de Scott), sem transformar essa referência em uma necessidade. Neste mesmo artigo, ela reitera a importância do trabalho de Foucault, como um pensamento situado além das fronteiras do estruturalismo, justamente por incorporar a historicidade (através da "genealogia") da constituição dos objetos e estruturas que muitos autores dão como ponto de partida.

Retomando o tema da materialidade, tanto neste artigo acima mencionado, quanto em *Bodies that Matter*, Butler é enfática em tratar a matéria não como substância ou como uma superfície sólida, mas como processualidade que produz o efeito de fronteira (*boundary*), fixidez e superfície. A matéria é produzida no decurso da "materialização de normas reguladoras

"Postmodernism". In: BUTLER & SCOTT, J., *Feminists Theorize The Politics*. Nova Iorque: Routledge, 1992.

<sup>14</sup> Criticando também este uso indiscriminado do termo pós-modernidade e o tom continuísta que ele confere à história (moderno - pós-moderno), conferir: VARIKAS, Eleni. *Féminisme, Modernité, Postmodernisme*.

Observations pour un dialogue des deux côtés de l'océan. Mimeo, 1993 (biblioteca do Pagu-Unicamp).

<sup>15</sup> Explicando a trajetória dos textos desse livro, a autora adverte: "Neither of these essays is meant to dispute the materiality of the body; on the contrary, together they constitute partial and overlapping genealogical efforts to establish the normative conditions under which the materiality of the body is framed and formed, and, in particular, how it is formed through differential categories of sex" (1994, p. 17). Bastante esclarecedor dos temores de que o que ela faz não é negar a existência do corpo, mas resignificar a maneira como nós entendemos a materialidade do corpo.

<sup>16</sup> Interessante essa forma de crítica de Butler, pois ela pressupõe que não são só a lei, os códigos culturais, as relações desiguais que perpetuam e intensificam a desigualdade de gênero. Ela dirige o seu olhar para dentro, para os espaços "alternativos", desenvolvendo uma espécie de autocrítica, a fim de que, polemizando algumas certezas políticas e epistemológicas, se possa ir mais longe na luta pela diferença sem desigualdade, "a superação das restrições binárias".

da sexualidade, que são em parte aquelas da hegemonia heterossexual", a materialização "requer um processo de identificação através do qual as normas são assumidas ou apropriadas"<sup>15</sup> (1994, p. 15). A materialização adquire vários contornos, contingentes, que estão interligados no mesmo regime de inteligibilidade do prazer, da eroticidade, de gênero, ou seja, a matéria corpórea manifesta e compõe os jogos de força que engendram uma determinada morfologia, cujo valor social será dado de acordo com a aproximação ou não da matriz corporal que tem significado, relevância cultural. Certos corpos são considerados ininteligíveis e por isso tratados como objetos, deformações.

Nas diferentes intervenções de Butler é possível perceber que sua compreensão da questão política relativa ao problema da identidade e da desigualdade-diferença nas relações *engendered* é bastante ampla. A autora percebe diferentes caminhos nos quais a desigualdade persiste, a opressão se mantém, analisando principalmente o próprio discurso feminista, suas tentativas de ultrapassar uma situação de violências, estupro, discriminação, bem como a luta política de outras "minorias sexuais" e suas tentativas de fundar novos parâmetros de convivência social (legalmente - como na luta pela legalização do casamento gay-lésbico (famílias *queers*), possibilidade de adoção de crianças e outras 'regalias' burocráticas acessíveis a partir do casamento formal - e, no plano cultural, o respeito cotidiano para com as diferenças), sugerindo e "desconstruindo" a reificação de qualquer que seja a identidade sexual em pauta<sup>16</sup>. Butler questiona o imobilismo de certos feminismos que insistem em não admitir a necessidade de se estabelecer novos campos de atuação e de compreensão das subjetividades contemporâneas, sob o risco de o feminismo se afundar em políticas que reiteram a própria subordinação que representou o ponto de partida de todo o movimento.

Acusaram Butler de, ao decretar o "fim" da perspectiva identitária dos movimentos, estabelecer também o fim da expressão política dos movimentos coletivos. A localização da atuação política na paródia, ou seja, a afirmação de que a estilização do corpo ("O Corpo como Situação") é uma forma de "politicizar a vida pessoal" sugeriu a certos leitores o isolamento político, o incentivo ao 'cada um por si...'. Penso que, na verdade, as inquietações presentes no pensamento de Butler sugerem justamente o oposto: ao invés de limitar o exercício político às esferas institucionais representativas, ele expande o exercício político para onde quer que se produza a restrição de gênero ao falocentrismo e à obrigatoriedade cultural da heterossexualidade.

Neste processo, a proliferação das dissonâncias, das incoerências, intensifica a percepção de que não há substância na identidade, há posições de sujeito, há fluidez, sem que isso seja sintoma de patologia psíquica (como por exemplo a estandardização da esquizofrenia, para lembrar a leitura de F. Jameson da "sociedade pós-moderna").

Retomando a questão "o que resta ao feminismo", de tudo o que foi dito sobre o pensamento de Butler, a leitura que ora ofereço partilha com Butler da esperança de que quanto mais o(s) feminismo(s) caminhar no sentido de permitir e expandir atuações de gênero que ainda não fazem parte do nosso 'script' e se desprejar de uma ilusória pretensão de universalidade, mais estará favorecendo a desconstrução de exclusões baseadas nas marcas de gênero, ou seja, contribuirá para a emergência de um efetivo convívio ético com a diferença<sup>17</sup>, e é claro que isso implica a negociação permanente de uma agenda política que contemple essa diversidade de gênero que povoa o pensamento e o movimento feministas contemporâneos. Quem sabe, assim contribuirmos para que os "esquisitos" deixem de ser tratados como seres "extra-humanos", ou seja, como ameaças à nossa condição cultural.

A quem disser que estas discussões não são pertinentes a um país como o Brasil, devido ao caráter 'básico' das emergenciais demandas políticas e sociais, eu refuto com um sim. Não tenho notícias de que algum presidente brasileiro tenha participado da abertura de um colóquio gay, como ocorreu com Bill Clinton, na "memorable celebration", Gay and Lesbian Pride Celebration (1997). O cenário anglo-americano tem se mostrado bastante amplo em relação à evidência, à visibilidade de práticas sociais não convencionais. A circulação de termos provocativos como "penetração feminina" (*female penetration*), masculinidade feminina (*female masculinity*), mães falo-lésbicas (*lesbian-phallic mothers*), bem como vitórias judiciais (partilha de bens, adoção de crianças, mudança de nome em caso de cirurgias transexuais etc.), festivais de vídeo e cinema gays e lésbicos e a proliferação de propagandas, dos mais variados produtos sexuais específicos a determinadas "preferências" na mídia oficial (além daquela ampla parcela de meios de comunicação especializados) configuram um panorama bastante propício ao acirramento da luta pelo respeito à diferença.

No entanto, mesmo em proporção e natureza diversas, o Brasil vem sendo sensibilizado para esta problemática de várias maneiras. Algumas sutis, como na inserção de personagens atípicos em novelas de horário nobre, em algumas campanhas contra a Aids,

<sup>17</sup> Penso que esta luta constitui na verdade o próprio exercício processual de produção de singularidades, prática difícil em um meio no qual, por exemplo, a Indústria do sexo já "incorporou" a diferença e a encara como mais um "mercado consumidor" (fetichistas, masoquistas, *drag-queens*, *queers*...; a cada um o mercado oferece seus "objetos de prazer"). Mesmo assim, talvez por teimosia, acredito que "a diferença faz diferença".

entrevistas de figuras do mundo *fashion* em programas de televisão (*talk-shows*) e programas radiofônicos onde se debate a questão – não estou avaliando o grau de moralismo de tais ‘exibições’; outras enfáticas e determinadas, como a formação de associações lésbicas e gays, a realização de encontros e congressos, a proliferação de pesquisas acadêmicas (nas ciências humanas e sociais), a publicação de periódicos especializados (como a revista *Suigeneris* – lançada em janeiro de 1995, trazendo comentários e entrevistas com personalidades públicas, nacionais e internacionais, que nos últimos tempos têm assumido sua ‘identidade’, ou seja, que fazem parte do “mundo dos entendidos”).

Com tantas evidências de que há, sim, a “construção de um *gay-power* tupiniquim”<sup>18</sup>, quase sempre marcado por uma perspectiva identitária bastante ortodoxa, penso que a discussão proposta por Butler enriquece tanto o pensamento feminista quanto outros, baseados em identidades sexuais. Mas este texto é só o começo de um diálogo bastante promissor.

Em memória a Caio Fernando Abreu, finalizo com suas inspiradas palavras:

(...) Então, vamos discutir (*gay power*), vamos trazer isso à tona, mas com cuidado, para não cair naquilo do festival de filmes lésbicos em Paris que era proibido para homens. Também não gosto desta história de cultura voltada para gays. É capitalista, uma coisa meio Xuxa, tipo vamos fazer a botinha, a camisetinha, a calcinha e vender, vender, vender. (...)

Um livro escrito por um autor *gay*, editado por uma editora *gay*, vendido numa livraria *gay*, distribuído por um distribuidor *gay* vai ser lido apenas por gays. E isso não importa. Eu acho maravilhosamente útil um filme como Priscilla ou Filadélfia, que pode não ser um grande filme mas humaniza as pessoas e o subtexto é: olha, somos todos iguais! Cada ser humano é um universo com suas variações. (...)

(...) eu li muita fábula quando era criança, muito Esopo e La Fontaine – ética é bom e a gente gosta<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> Expressão de Luís Mott, no artigo em que ele analisa o preconceito e a discriminação contra os homossexuais brasileiros, falando de avanços e retrocessos nesta luta, da criação em 1985 do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) e de que até aquela época, 1995, já havia aproximadamente 50 grupos gays e lésbicos no Brasil. MOTT, Luís. O Último Tabu. *Suigeneris*, nº. 1, jan. 1995, Rio de Janeiro.

<sup>19</sup> Entrevista à revista *Suigeneris*, no mesmo texto no qual Luís Mott defende o *gay-power*. A revista ao menos promete trabalhar a diversidade. Em números posteriores, as cantoras Marina e Maria Bethania também se posicionam sobre essa questão, com um texto muito próximo ao de Caio de Abreu.